

**A PROBLEMÁTICA DA INDIVIDUAÇÃO NUMA PERSPECTIVA NARCISISTA NO
CONTO “O GRANDE PASSEIO”, DE CLARICE LISPECTOR**

Maria da Luz Duarte Leite SILVA¹

Ananias Agostinho da SILVA²

Resumo: O objetivo deste estudo é refletir sobre a individuação da protagonista do conto “O Grande Passeio”, integrante da coletânea *Felicidade clandestina* (1998), de Clarice Lispector. O caráter introspectivo dos personagens e o questionamento sobre a existência são aspectos reconhecidos pela crítica como marca da ficção desta autora. Em “O Grande Passeio”, o alheamento constitui o drama de Margarida, uma senhora abandonada pela família, que vive as margens de si mesma e do mundo. A ruína do sujeito e seu desmoronamento são marcas de individuação e também traços significativos para a compreensão do conteúdo narrado. É, pois, seguindo esta linha de reflexão que tomaremos como base o conceito de individuação formulado por Jung (2008), bem como os estudos de Bravo (1998), Freud (1996) dentre outros, para refletirmos sobre o jogo da individuação que ocorre no conto, através de processos epifânicos, que descentram a identidade da protagonista, atingindo seu estranhamento e, conseqüentemente, sua individuação.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Conto; Individuação; Grande Passeio; Narcisismo.

Introdução

Clarice Lispector é considerada pela crítica como uma das mais importantes escritoras da modernidade e como um dos principais nomes da literatura Brasileira. Com um estilo narrativo próprio, emprega uma linguagem que se caracteriza, principalmente, pela introspecção intimista e pelo uso relativamente constante de metáforas, aliterações e monólogos interiores. Estas características fizeram com que Clarice fosse comparada a renomados escritores, como James Joyce e Virgínia Woolf. Em seus contos, Lispector procura mostrar fatos inquietantes vividos pelo sujeito moderno em seu cotidiano. As protagonistas da autora são, em sua maioria, mulheres privadas de sentir os verdadeiros prazeres da vida. Há em suas narrativas, reflexão filosófica do existir, pois seus personagens questionam sua condição de sujeito e o estar no mundo.

¹ Aluna do Mestrado Acadêmico em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros-RN. E-mail: lulinhaduarte@hotmail.com.

² Aluno do Mestrado Acadêmico em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros-RN. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: ananiasuern@hotmail.com.

Partindo dessas considerações iniciais sobre a obra de Lispector, pretendemos, neste estudo, analisar a problemática da individuação numa perspectiva narcisista em “O grande passeio”, conto integrante da coletânea *Felicidade Clandestina* (1998), destacando traços do estranhamento da protagonista, sobretudo no que se refere à construção de sua individuação, considerando a problemática do duplo. Para tanto, nos subsidiamos das ideias de autores como Jung (2008), Bravo (1998), Freud (1996), dentre outros, quando tratam da problemática da individuação do sujeito moderno.

Como “O Grande Passeio” se trata de um conto, antes de empreendermos a análise anteriormente descrita, iremos também refletir um pouco sobre esse gênero, por observarmos que esse tipo de narrativa passou por uma evolução. Sua origem deriva da tradição oral e vem se configurando como uma narrativa que se adaptou ao mundo moderno. Na modernidade, o gênero conto adquiriu certa plasticidade, sendo praticado por vários escritores renomados, como Guimarães Rosa, Lígia Fagundes Telles, Inácio Loyola Brandão e Clarice Lispector. Esta última apresenta em seus contos uma característica intimista, existencialista, desenvolvendo o conto de atmosfera, realizado em um ambiente íntimo, em primeira pessoa, de modo que ação e narração se confundem.

O conto literário enquanto gênero

O caráter dinâmico, ou melhor, plástico do conto leva-nos a assumir esta narrativa, como apresentando uma surpreendente variedade de formas. Bosi (1975, p.7) assinala que “[...] o conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”. Ou seja, o conto é um gênero em prosa, um discurso curto, podendo causar um efeito singular no leitor, pois requer que se leia o dito e o não dito, causando muita excitação e emoção. Por sua brevidade, provoca tensões, não só por representar, acontecimentos humanos, mas por ser conciso e breve. É a economia das palavras que mostra a rapidez que esse gênero é submetido. Sua complexidade se dá devido à profundidade do não dizível. Partindo desse pressuposto, o gênero conto é visto como uma narrativa que representa a contemporaneidade, principalmente por sua liberdade de expressão e eficácia comunicativa. Por isso, esse gênero vem desafiando tanto o escritor, quanto o leitor.

O conto por sua natureza é ficção, imaginação. Quanto aos contos de Lispector, caracterizam-se por proporcionar tensão entre o esforço de manter-se no equilíbrio de uma

neutra e opaca existência e o emergir de evento transformador. A atmosfera nos contos de Lispector é evidente, mesmo porque o que lhe interessa é a repercussão dos fatos, estes são buscados na interioridade dos seus personagens. Maria (2004, p71) mostra a profundidade dos contos clariceano ao elucidar: “E quando, de conto em conto, você deparar com Clarice ‘bulindo no fundo mais fundo’, lá onde ser e não ser se confundem, lá onde habita a palavra que busca, no silêncio, dizer o indizível [...]”. É no silêncio dos personagens que Lispector cria a atmosfera, que ocasiona a transformação dos personagens.

O conto moderno: traços e nomes

O conto moderno é capaz de refletir variadas situações da nossa vida real ou imaginária, uma vez que o escritor moderno desprende dos valores da burguesia, inovando em sua obra. Bosi (1975, p. 20) exemplifica o conto moderno com a prosa clariceana: “a prosa de Clarice faz-se aos poucos, move-se junto com os seus exercícios de percepção, e tateia, e não pode nem quer evitar o lacunoso ou o difuso, pois o seu projeto de base é trazer às coisas a consciência, a consciência a si mesma”. Entendemos que a narrativa de Clarice, não apresentava eixos fixos, sua estrutura caracteriza a condensação de seus contos, uma vez que o lacunoso se dar quando as suas personagens encontram-se descentradas, provocando o que denominamos de fluxo de consciência. É nesse processo que se busca a sua individuação.

O conto ganhou registro escrito e firmou-se como categoria literária, apegando-se a cultura medieval. Mesmo assim, não podemos definir com exatidão o momento do surgimento do primeiro conto Brasileiro com características literárias. É sabido que o conto se desenvolveu estimulando o apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa, que possibilitou a publicação dos contos em inúmeras revistas e jornais.

Ressaltamos que o conto atualmente passou por grandes mudanças. A título de exemplo, temos Lispector com o *Conto de Atmosfera*. Vale salientar que o conto de atmosfera, apresenta um tratamento estético específico, estrutura-se geralmente na psicologia de seus personagens, desenvolvendo um clima, uma atmosfera. Nesse tipo de conto há predominância do cenário e do ambiente sobre o enredo e os personagens. “O ‘conto de atmosfera’, que em muitos casos pode-se confundir como conto ‘psicológico’, pois, como aquele [...] estrutura-se geralmente em torno de personagens e através de sua psicologia desenvolve-se”. (HOHLFELD, 1988, p.137). Este tipo de conto não prioriza o

desenvolvimento de determinados acontecimentos exteriores, mas sim, detêm na repercussão dos fatos que repercutem nos personagens que os percebem, ou melhor, é a repercussão dos fatos que interessa ao conto de atmosfera. Há vários escritores que subsidiam do conto de atmosfera: Clarice Lispector; Caio Fernando Abreu; Osman Lins; Sérgio Sant'Anna.

De qualquer maneira, o que guardamos de cada um destes escritores, de cada uma destas obras, é justamente uma atmosfera, um clima, que envolve a narrativa, tornando-a quase inconfundível, pois não interessa qual personagem que aí apareça, ela terminará envolvida por esta mesma atmosfera. Dessa forma, “o conto de atmosfera apresenta uma situação opaca para conseqüentemente se configurar em um evento transformador, ou seja, de uma situação aparentemente banal surge uma nova realidade”. (HOHLFELD, 1988, p.137).

Seguindo esse raciocínio, observamos que os contos de Lispector funcionam como abertura que propõe ao leitor para ir além do narrado, pois a essência de seus contos, está nas entrelinhas. Reportamo-nos a Maria (2004, p.71) para esclarecer ainda mais as características do conto clariceano:

Mas se você, leitor, não quer saber de textos que ‘contam’ bonitinho, como se você a estivesse ouvindo, mas, se pelo contrário, você é desses que se apaixonam pela volúpia da palavra e que esperam um texto a recriação do real, do mundo, na própria aventura do discurso; se você busca um texto que devesse mistério nos submundos da consciência, que investigue o “ser” sob o espetáculo concreto da realidade aparente, disponha da doce aprendizagem de amar Clarice.

Vemos que a narrativa de Clarice revela uma ruptura com a forma clássica, dando ênfase à psicologia de seus personagens, conduzindo-nos a uma narrativa que apresenta uma viagem introspectiva, fazendo-nos mergulhar no implícito. Podemos comparar conforme Cortázar (1974) os contos de Clarice a uma fotografia, pois entendemos que há em suas narrativas um recorte, o que nos remete a uma leitura mais profunda, trazendo certa densidade implícita na sua escritura.

No conto *O Grande Passeio* deparamo-nos com uma mesma atmosfera, uma vez que, toda a narrativa é apresentada a questão da individuação da personagem Mocinha, bem como, a sua inquietação a respeito do tratamento do ser humano. Clarice mostrou muito bem a inconstância do gênero conto, pois transitou entre suas formas simples e complexas. A partir disso, entendemos que o conto de atmosfera, estrutura-se geralmente em torno de personagens, por meio de sua psicologia, criando um clima, atmosfera, e, conseqüentemente uma transformação.

Entendemos que além do conto de atmosfera representar uma das características da narrativa moderna, existem outras, é tanto que reportamo-nos a Passos (2001, p.76), como forma de apresentar a sua plasticidade: “[...] de um lado, a ruptura do conhecido pelo inquietante; de outro, a suspensão temporária da existência mediana de uma situação que se esvaia [...]”. Assim sendo, o conto moderno destaca-se por ser conciso, preciso, causando no leitor emotividade. Possibilitando a delegação dada ao leitor de arbitrar o sentido da obra.

O conto de Clarice

Vemos a predominância das inovações nos contos de Clarice, pois traz características da modernidade, há uma escritura despojada, suas narrativas não são lineares, tempo e espaço se transformam em um ato interiorizado em suas personagens: “A ficção de Clarice Lispector é primordialmente um modo de narrar específico. O enredo se agasalha numa proliferação de motivos livres, de comentários existenciais, de filosofemas, que dão a cada composição uma dramática espessura filosófica.” (LUCAS, 1983, p.140), exemplifica o exposto com a fala de Clarice: “Não sei dizer que autores influíram no que eu escrevi ou na minha formação.”³

Seguindo essa reflexão, vemos que Lispector procura extrair a fragilidade de seus personagens em atos cotidianos, sendo o existencialismo uma evidência. Presenciamos vários momentos no conto de Lispector: a personagem é disposta numa determinada situação cotidiana; há a preparação de um incidente ou de um evento que surge apenas diretamente; ocorre um evento ou incidente que vai iluminar a vida da personagem; o desfecho em que se mostra ou se considera a situação da personagem após o evento ou incidente. Clarice sempre se reporta das tensões existentes entre duas personagens, de maneira que o extraordinário que surge não do aspecto exterior dessas figuras, mas do que lhes sucede na intimidade.

Lins registrava que desde 1944 o estilo de Lispector como sendo repleto de estranheza, comparando-a a Joyce e a Woolf, por sua virtualidade estilística e inacabamento da obra. Dizia ainda que, as narrativas clariceanas necessitavam de um “ambiente mais definido e estruturado”. Vemos que o estilo de Clarice há uma grande abundância verbal e mudanças na posição dos adjetivos, os mesmos são colocados posposto ao substantivo, ocasionando verbalismo, além de está modificando as regras gramaticais, vista por alguns críticos como fraquezas, traições e impossibilidades.

³ Clarice Lispector fala de Nápoles, por Solena Benevides Viana. *A Noite*. Rio de Janeiro, 02.12.45

Vício ou defeito, Lispector apresenta um estilo que Assis Brasil apud Hohlfeld (1988), explica como o conhecimento de mundo que a escritora dá a seus personagens. O que se observa nas narrativas criadas por Lispector é, que, são textos que projetam o leitor para ir além do narrado, trazendo reflexões, acerca da sua escritura. A título de exemplo temos: “[...] a prosa de Clarice faz-se aos poucos, move-se junto com os seus exercícios de percepção, e tateia, e não pode nem quer evitar o lacunoso, ou difuso [...]” (1975, apud (HOHLFELD, 1988, p.141).

Outro autor importante para esclarecer a escritura de Clarice é Medeiros, que elucida que a autora não foi escritora de um único gênero literário. “Ela cultivou a prosa em suas várias modalidades – romance, conto, crônica – e aproveitou os recursos de cada uma dessas formas para representar o seu modo de sentir, ver, pensar, dizer”. Ou seja, Lispector transforma o acontecimento em um evento transformador.

Diante disso, vemos que Clarice em seus contos procura levar o leitor para além do narrado, uma vez que subsidia da epifânia, da introspecção psicológica, possibilitando as suas personagens, o desvendamento de si mesma, desenvolvendo uma sensibilidade em direção a algo que ultrapassa o argumento visual, ou estético contido no fato ou no conto. O que se observa é que grande parte das narrativas de Clarice é marcada pela predominância da consciência reflexiva, como podemos ver em algumas obras como *Feliz Aniversário*, *O Grande Passeio*, dentre outras. A degradação do eu, a náusea e o silêncio das coisas são comuns em sua prosa. Uma das suas temáticas é a questão do “existencialismo”, uma vez que a preocupação centra-se no modo de ser do homem no mundo.

Clarice estréia no conto, em 1952, com *Alguns Contos*, conjunto de textos escritos na década de 40. Em 1960, surge a obra *Laços de Família*; em 1964, lança *A legião estrangeira*. Em 1971, é publicado o volume *Felicidade Clandestina*; em 1974 são lançados os livros *Onde estivestes de noite* e *A via crucis do corpo*. Postumamente, no ano de 1979, sai *A bela e a fera*, apresentando, ao lado dos primeiros contos da escritora, publicados em 1952, seus dois últimos textos. Ao examinar a composição de cada um dos volumes, percebemos a variedade de temas, situações e formas do conto clariceano que enriquece e qualifica o conto brasileiro contemporâneo.

Os contos escritos por Lispector nos anos de 1940 e publicados em 1952 já deixam entrever os principais traços de sua obra. Suas personagens são angustiadas, melancólicas; sentem-se desajustadas em relação a vida pacata e sem sobressaltos; desejam a liberdade; refletem sobre a capacidade expressiva de palavras. Os seis textos que formam este primeiro

volume de contos apresentam o confronto entre sujeitos que constroem suas identidades a partir de um “outro” com quem estabelecem relações ásperas e difíceis. *O grande passeio* faz parte do livro *Felicidade Clandestina* publicado anteriormente no livro *A legião estrangeira* (1964) intitulado *Viagem a Petrópolis*. Essa viagem ocasiona o estranhamento da protagonista, não sabia para onde estavam levando-a, e qual o propósito daquela viagem, causando o descentramento dificultando sua individuação. Partindo desse viés, reportamo-nos a Jung (2008, p.49), para entendermos melhor a questão da individuação: “a individuação, no entanto, significa precisamente a racionalização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano”. A individuação possibilita ao indivíduo ser um ser único, mas essa unificação se dá mediante a interação dos sujeitos, visto que, é a partir do desprendimento da máscara que Margarida usava “mocinha”, que presenciamos a individuação da protagonista do conto, “*O Grande Passeio*”.

Reflexão sobre a individuação junguiana

O processo de individuação, conforme Jung (2008) necessita que o sujeito se adéque tanto as estruturas internas, ou seja, ao nosso inconsciente quanto as externas ao indivíduo. O conceito de individuação proposto pelo dicionário (HOUASIS, 2003) apresenta como sendo “ um processo por meio do qual uma pessoa se torna consciente da sua individualidade.”

Jung (2008, p.49) faz a distinção entre individuação e individualidade. A primeira significa: “[...] tornar-se um ser único [...]. Ou seja, para o homem se individualizar-se faz-se necessário que seja consciente na compreensão da constituição do seu eu. Vemos nesse processo conforme a teoria junguiana, que o ego é imprescindível na formação moral do homem, visto que o nosso psíquico inclui, tanto o nosso consciente, como o inconsciente. Assim sendo, entendemos que a individuação pode se relacionar a fatores, sociais, éticos, psicológicos, pois á luz da teoria de Jung (2008) “ a individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano [...], o fator determinante e um melhor rendimento social.” A partir disso, entendemos que o processo de individuação depende das relações cotidiana do sujeito, sendo concebida como “ tornar-se si mesmo.” Já a individualidade se refere “ [...] a dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. É como se o individualismo significasse a variabilidade individual das características físicas por exemplo.

Á luz do exposto, entendemos que, para que o sujeito desenvolva a sua individuação, necessita de outros. Para Jung (2008, p.50) “A individuação, pelo contrário, tem por meta a cooperação viva de todos os fatores.” Entendemos esses fatores como sendo os externos, como as situações vivenciadas no dia a dia, a nossa personalidade, enfim, o contexto em que o homem está inserido.

O sujeito para se individuar-se, ou melhor, tornar-se si mesmo, necessita, segundo Jung (2008, p.5) “[...] despojar o si mesmo dos invólucros falsos da persona⁴, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais.”

Logo, entendemos com base no exposto que o processo de individuação e dá quando o sujeito consegue definir-se como único, atingindo o seu verdadeiro eu. Assim, quando o sujeito individua-se, ele é capaz de considera-se com um ser completo, sujeito de sua própria constituição.

Análise do conto “O grande passeio”, de Clarice Lispector.

O conto *O Grande Passeio*, de Clarice, é uma narrativa que retrata a vida de uma senhora que apresenta dois nomes: Mocinha e Margarida. Havia sido casada, tivera dois filhos: todos morreram e ela ficou sozinha. Depois de dormir em vários lugares, Mocinha acabou passando a dormir sempre nos fundos de uma casa grande no bairro Botafogo no Rio de Janeiro. Na maior parte do tempo, a família moradora da casa esquecia dela. A família achou que Margarida estava lá por muito tempo. Decidiram livrar-se dela. Um filho da casa, com a namorada e as duas irmãs, foram passar um fim de semana em Petrópolis e levaram-na. A senhora não dormiu, ansiosa por causa do passeio. Num processo de epifania, Margarida lembrava de tudo e de todos: a morte do filho Rafael atropelado por um bonde; a morte da filha Maria Rosa, de parto; o marido, contínuo de uma repartição, sempre em manga de camisa – ela não conseguia se lembrar do paletó... Só conseguiu dormir de madrugada. Foi bastante humilhada por Arnaldo e sua mulher. Mesmo assim, ela agradeceu e saiu pela rua. Então como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.

Neste conto de Clarice, a ideia de duplicidade manifesta-se de forma bastante forte, permeando toda a constituição da personagem - a começar pela identificação dúplice da personagem (Mocinha-Margarida). É partindo dessa premissa, que iremos analisar o conto *O*

⁴ O termo *persona* deriva da palavra latina para máscara usada por atores na época clássica. Refere-se portanto, a máscara ou face que uma pessoa põe para confrontar o mundo. Para Jung (2008, p.33) a *persona* significa um arquétipo, “É uma aparência, uma realidade bidirecional.”

Grande Passeio de Lispector, considerando a problemática do duplo numa perspectiva narcisista, tendo em vista o estranhamento.

Lispector neste conto subsidia do processo narrativo denominado fluxo de consciência, por romper os limites de espaço e tempo sem se deter em uma estrutura sequencial. Suas personagens se encontram diante de situações singulares, nas quais pequenos fatos exteriores provocam a abstração, o fluir das ideias, levando-as a uma realidade mais profunda, provocada pelo processo epifânico. A aceitação do passeio prometido a protagonista e a mudança de vida, de repente, Causou nessa senhora um descentramento, uma vez que já estava acostumada pressa a sua vida restrita a aquele lar.

O tempo nesta narrativa confere o caráter de fluxo e reflexo, pois permeia sensações, sentimentos e ações das personagens. Quanto ao espaço, centra-se no espaço mental das personagens, uma vez que, é por meio da introspecção histórica da protagonista que conhecemos um pouco da sua individuação – as características físicas, em detrimento, são pouco destacadas. “Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 37). Nesse momento essa senhora estava a refletir sobre o si mesma, além de proporcionar ao leitor conhecê-la.

Analisando o conto *O grande passeio* de Lispector, procuramos observar a questão da individuação, da protagonista. Dessa forma, pudemos constatar que o que o seu próprio nome nos remete a figurações do narcisismo, uma vez que, ao perguntarem o seu nome ela apresenta-se como Mocinha. A título de exemplo temos o trecho “Quando lhe perguntam o nome, dizia com voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação: Mocinha.” (LISPECTOR, 1998, p.29). Assim como Narciso via-se refletido no espelho metaforizado pelo lago, Margarida via-se refletida em mocinha.

Ainda em relação aos nomes da protagonista (Mocinha x Margarida), o primeiro nos remete a uma pessoa cheia de vida, bela, forte, jovem, atenta a tudo e a todos. Já Margarida vem do grego *Margaretês, Margarita*, cujo significado original era ‘pérola’, só mais tarde sendo aplicado a flor. Assim, vemos o apelido Mocinha como uma maneira da busca de amplitude de Margarida, pois a sua ambivalência, ou seja, Mocinha é dualidade no sentido de acabamento de Margarida, como se pode perceber no seguinte fragmento: “quando lhe perguntavam o nome, dizia com voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos de boa educação: - Mocinha. As pessoas sorriam. Contento pelo interesse despertado, explicado: – Nome, nome mesmo, é Margarida.” (CLARICE, 1998, p. 29).

Margarida precisava tanto do seu duplo, “Mocinha”, para escapar da crueldade das pessoas com os mais velhos, pois se fosse realmente “mocinha”, Margarida não sofreria tanto. “Quando lhe davam cama para dormir, davam-lhe estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume.” (LISPECTOR, 1998, p. 30). O mito do duplo nos remete a épocas remotas, apresentando-se em antigas lendas. (BRAVO, 1998, p.262), explica o duplo como: “A libertação do duplo é um acontecimento nefasto que muitas vezes pressagia a morte.” A perda de volume da protagonista nos remete também, a questão do pouco apreço que era dado a Margarida. A representação do duplo na literatura é visto como um outro de si mesmo, reconhecido pelo estranhamento que a duplicidade pode causar. Dessa forma o duplo faz parte da literatura, pois como diz Freud o duplo nos acompanhou desde tempos remoto no nosso psíquico, apresentando-se como forma de estranhamento.

Vemos que “Mocinha” apresenta-se como um grande contraste de Margarida. Apesar de esta significar pérola, flor, isso não condiz com a sua individuação, pois a máscara usada por essa senhora não viabilizava uma boa inserção na sociedade. Jung (2008, p.32) explica o exposto: “No fundo nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo.” Daí ser Mocinha a sombra buscada pela protagonista pois embora ela tivesse sido alta e clara tivera também pai, mãe, marido, dois filhos. Portanto, era uma mulher comum.

Presenciamos a questão do narcisismo também no processo epifânico pelo qual passa Margarida, podendo ser compreendido como um estranhamento. É nesse momento epifânico que essa senhora se vê sozinha, impossibilitada, rejeitada, enraizada, descentrada. “Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão [...] Lembrou-se de Maria Rosa [...] lembrou-se do marido”. Lispector (1998, p. 31). Reportamos a Kanaan (2002, p.144) para esclarecer melhor a questão do estranhamento: “Suportar a emergência do estranho é viver uma experiência de desteriorização com o outro, e do embate criado pelas forças que agem nessa relação intersubjetiva, buscar um outro território, uma outra possibilidade de vida”. Acreditamos que no ato da introspecção psicológica de Margarida existia a busca de uma nova vida, é tanto que ficava a refletir sobre os seus entes queridos que perdeu e a respeito do descaso das pessoas com quem convivia.

Vale lembrar que o Narcisismo é um tema criado por Freud (1996), para expressar o mito grego de Narciso. Este era um jovem que nasceu, conforme Ovídio da relação do rio Céfiso e da deusa Líriope, era tão belo que sua mãe procurou um vidente para saber se seu

filho viveria muitos anos, foi surpreendida pela resposta, "se ele não conhecer-se a si mesmo viverá". Narciso enamorou com sua própria imagem, refletida no espelho, metaforizado pelo lago. Através de um castigo por desprezar algumas deusas, definiu-se.

Percebemos a relação do narcisismo com o conto em questão, pois a protagonista, ver-se a si mesmo pelo reflexo do outro, no caso mocinha. Freud (1996) apresenta o narcisismo como primário e secundário. Aquele é representado pelo desejo e ideal dos pais. A criança não distingue o outro do eu. O segundo se refere a um estado de regressão do sujeito, este é capaz de recuperar o ideal do eu, ou seja, o sujeito está em uma estruturação permanente.

O sentimento de rejeição e exclusão da senhora Margarida é caracterizado em vários momentos no conto, principalmente, quando a personagem chegou à casa de Arnaldo em Petrópolis, onde começou a ser humilhada por sua esposa, pois esta negou até mesmo comida a Margarida: "Pôs-se então a comer, absorta, com o mesmo ar de fastio que os gringos do Maranhão têm". Lispector (1998 p.36) Ou seja, o relacionamento familiar da protagonista aparece muito mais como um fato estranho do que como algo familiar. A humilhação continuou: Lispector (1998, pp. 36; 37)

Afinal Arnaldo apareceu em pleno sol, a cristaleira brilhando. [...] falou em voz baixa com a mulher, e depois de demorada confabulação informou firme e curioso para mocinha: - não pode ser não, aqui não tem lugar não. [...] não tem lugar não, ouviu? "Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou: [...] volta para casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu?! Quando "Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu: - Obrigada, Deus lhe ajude.

No momento em que Margarida sai da casa de Arnaldo e começa a caminhar, presenciamos outro momento epifânico da protagonista, que nos remete mais uma vez ao narcisismo, pois ao pensar nos seus familiares, sorrindo para talvez o seu duplo "Mocinha", ela vê-se a si mesma, ou seja, essa senhora nesse momento percebe que ela não é mais uma mulher moça, é uma velha. É no caminhar pela rua que Margarida reflete sobre sua vida. Assim o caminho serve para mostrar o recurso da introspecção que subsidia a protagonista reconhecer-se a si mesma, simbolizando a sua jornada.

Todo esse retrato de Mocinha que ao final do conto apresenta-se como uma fotografia desfigurada é apresentado pelo narrador de "*O grande passeio*". Vemos no título *O grande passeio* a antecipação do adjetivo ao substantivo, para dar supostamente a ideia de um passeio sem fim, ou melhor, duvidoso, estranho, diferente. Como "uma excessiva exuberância verbal, com uma inflação de adjetivos na frente e nas costas dos substantivos [...]" (HOHLFELD, 1988, p.139) A partir disso, sugestivamente, o estranho é um termo difícil de ser definido. Em

virtude disso, Freud (1996, p.239) aponta o estranho como: “estranho = não familiar [...]”. “Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho”.

O reflexo de si mesma é também presente no conto quando está caminhando na rua e sentia sede, de repente foi iluminada: “[...] mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos”. (LISPECTOR, 1998 p. 37). Nesse trecho o narcisismo é visto como um campo simbólico e metafórico, Mocinha neste momento era Mocinha, a sua outra metade. “Mas a sede voltou-lhe, queimando a garganta”, presenciamos o desfalecimento não mais de Mocinha, mas de Margarida, concretizando *O grande passeio*: “Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu”. (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Ao apreciar a natureza, o leitor pode pensar que Mocinha estava buscando preencher o vazio ou descaso das pessoas que a rodeavam. É no processo de introspecção psicológica que podemos reconhecer o estranhamento de Margarida, que é provocado pelo comportamento dos personagens desta narrativa.

“E quando passavam atarefados pela velha, ficavam surpreendidos como de fossem interrompidos [...]” Assim sendo, o estranhamento de Margarida confere a sua ruína, toda a repressão, ou melhor, a perda porque passou essa senhora resultou no estranhamento: “[...] o estranho provem de algo familiar que foi reprimido [...]”. Da repressão das pessoas que a rodeavam, todo pensamento de Margarida se transformou em realidade.” (FREUD, 1996, pp.237- 261-264), reporta ao estranho como. “O tema do estranho [...] relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror; [...]”. Conforme Freud, (1996, p.254) o estranho é o que projetamos para fora, como uma coisa estranha a si mesmo.

Ao se apoiar na árvore, que de certa forma, nos remete a sua direção para o infinito, personagem e espaço se fundem. Dessa forma, Mocinha tornou-se também natureza. Isso é evidente no modo como o narrador vê a morte dessa senhora, como algo que é devolvido ao seu habitat natural, realizando seu grande passeio, o maior passeio da vida de Margarida. A natureza recebeu de volta aquele ser sem identidade social e pessoal: “O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem.” (LISPECTOR, 1998, pp.37; 38). A vivência de Margarida com a família em que morava apresenta-se como algo estranho, pois como diz Freud o ‘estranho’ provém de algo familiar que foi reprimido, dificultando a individuação dessa senhora.

Conclusão

O conto *O grande Passeio* traz logo no título a idéia de caminho que pode simbolizar uma jornada (a vida), uma passagem para outro estágio, no caso, para o conhecimento de si mesmo. As lembranças dessa Senhora sobre como era, bonita, tinha esposo, filhos, nos remete a ideia de estranhamento. A perda dos seus familiares revela as falsas relações cotidianas, através das quais observamos a problemática da individuação de Margarida. Esta é construída a partir do estranhamento de si mesma, numa atmosfera de isolamento, revelando conforme Jung (2008) a construção da individuação, numa perspectiva narcisista, com base na teoria Freudiana, pois é através do reflexo de si mesma, que se concretiza esse fato.

Vários fatores como o estranhamento, e a melancolia, apresentaram-se como fatos importantes para construção do processo de individuação da protagonista, pois é reconhecendo como ser único, que Margarida ver-se como realmente é, uma senhora que passou por perdas, discriminação, rejeição dentre outros casos. Relembrando suas peculiaridades individuais, por meio de um refletir da máscara protetora que essa senhora individualizou-se, remetendo-nos ao mito de Narciso, pois este também é metaforizado pelo reflexo do lago que podemos comparar ao espelho. Percebemos a dualidade do EU marcada pelo nome da protagonista, Margarida x Mocinha, e sua introspecção em como era e o que realmente é. Verificamos nesse conto um sujeito Narcísico, descentrado, dividido entre o presente e o passado.

Compreendemos que a busca da individuação numa perspectiva narcisista se dá durante toda a narrativa, nas relações entre o “EU” e ou “OUTRO”, que se apresenta por meio de humilhações, rejeições, silêncio, estranhamento, reflexo de si mesma, isolamento. O Jogo da individuação ocorre no conto, através de processos epifânicos, em que vemos a identidade da protagonista descentrada, atingindo seu estranhamento e, conseqüentemente sua individuação.

THE PROBLEM OF PERSPECTIVE INDIVIDUATION NARCISSISTIC TALE IN "THE GREAT RIDE", BY CLARICE LISPECTOR

Abstract: *The purpose of this study is to discuss the individuation of the protagonist of the story "The Grand Tour", a member of the clandestine collection Happiness (1998), by Clarice Lispector. The introspective nature of the characters and there are questions about the aspects recognized by critics as the author of this brand of fiction. In "The Grand Tour", the alienation is the drama of Margaret, a woman abandoned by her family, who lives margins of herself and the world. The ruin of the subject and its collapse are trademarks of individuation and also features significant to understanding the content narrated. It is, therefore, following this line of reflection that we will build on the concept of individuation formulated by Jung (2008), as well as studies of Bravo (1998), Freud (1996) among others. The game of*

individuation occurs in the tale, through processes epiphanic, we see the identity of the protagonist-center, reaching its strangeness and, consequently their individuation.

Keywords: Clarice Lispector; individuation, Narcissism.

Referências

BOSI, Alfredo. (org.) **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cutrix, 1975.

_____. Clarice Lispector. In: **História da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cutrix, 2003.

CORTAZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. “Alguns aspectos do Conto”, “Do Conto Breve e seus Arredores” e “Poe: o poeta, o narrador e o crítico”. In – Valise de Cronópio. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COUTINHO, A. **Evolução do Conto**. In: A Literatura no Brasil. V. 6. Rio de Janeiro: Sul-America, 1971.

FREUD, S. **Edição Standard, brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V. XVII. Trad. Dirigida por Jayme Salomão, RJ. Imago, 1996

_____. **Sobre o Narcisismo: Uma introdução** (1914), Imago, R.J., 1969

GALVÃO, W. Nogueira. **Cinco teses sobre o conto**. LIMA, Luiz Costa *et alii*. O livro do seminário. São Paulo: Nestlé: L.R. Editores, 1983

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1996.

HOHLFELD, Antonio Carlos. **Conto brasileiro contemporâneo**. 2ª ed. Revista e atualizada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

INSITUTO MOREIRA SALES. **Clarice Lispector col. Cadernos de literatura brasileira**. ed. Especial, 2004

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 21.ed- Petrópolis, Vozes, 2008.

KANAAN, Dany Al-Behy. **Escuta e subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector**. São Paulo: casa do Psicólogo; EDUC, 2002.

LUCAS, Fábio. **O conto no Brasil moderno**. In: PROENÇA FILHO, Domício (org.) 1ª Bienal Nestlé de literatura brasileira: o livro do seminário. São Paulo: LR, 1983.

_____. **O conto no Brasil Moderno: 1922 – 19982**. In: Do barroco ao moderno. São Paulo: Ática, 1989.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina: contos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARIA, Luzia de. **O que é conto**. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 2004

MEDEIROS, V. L. C. Conto de Clarice Lispector: projeções para além do narrado. In: **Ciênc.let.**, Porto Alegre, n.34, p.119-129, jul/dez, 2003.

MITOLOGIA, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 3v (capítulo XXVII. Narciso – Eco - Pan)

PASSOS, C. R. P. Breves considerações sobre o conto moderno. In: BOSI, A. *et. al.* **Ficções: leitores e leituras**. São Paulo: Ateliê, 2001.

PIGLIA, Ricardo. **O laboratório do escritor**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

ROSENBAUM, Y. **Clarice Lispector**. Publifolha, São Paulo. 2002;

SANTA'ANNA, Afonso Romano de. **A análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópoles. Vozes. 1973.